UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MUSICAL
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

ROBSON COELHO DE LIMA

AULAS DE CANTO NA PANDEMIA: URGÊNCIA E RESILIÊNCIA

JOÃO PESSOA
2022

ROBSON COELHO DE LIMA

AULAS DE CANTO NA PANDEMIA: URGÊNCIA E RESILIÊNCIA

Monografia de graduação apresentada ao Centro de Comunicação, Turismo e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Educação Musical, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Música.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Eleonora Montenegro de Souza

JOÃO PESSOA

2022

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L732a Lima, Robson Coelho de.
Aulas de canto na pandemia: urgência e resiliência / Robson Coelho de Lima. - João Pessoa, 2022.
40 f.

Orientação: Maria Eleonora Montenegro de Souza.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Educação musical - TCC. 2. Canto popular. 3. Canto - Ensino - Pandemia Covid19. 4. Música - Ensino - Novas tecnologias. 5. Ensino remoto. I. Souza, Maria Eleonora Montenegro de. II. Título.

UFPB/CCTA CDU 78:37(043.2)

Elaborado por Susiquine R. Silva - CRB-15/653

ROBSON COELHO DE LIMA

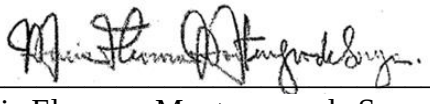
AULAS DE CANTO NA PANDEMIA: URGÊNCIA E RESILIÊNCIA

Monografia de graduação apresentada ao Centro de Comunicação, Turismo e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Educação Musical, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Música.

RESULTADO: APROVADO

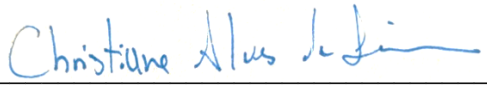
João Pessoa, 19 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Eleonora Montenegro de Souza (orientadora)
DEM/ CCTA/ UFPB

Prof. Dr. Fábio Henrique Ribeiro (examinador)
DEM/ CCTA/ UFPB



Profa. Ms. Christiane Alves de Lima (examinadora)
DEM (Profa. Substituta) /CCTA/UFPB

Queria dedicar este trabalho à minha avó Josefa Coelho de Lima (in memorian) por ter sido uma mulher guerreira e uma grande inspiração quando, em minha infância, me contava suas memórias e histórias da juventude, na cidade de Rio Tinto, interior da Paraíba, lugar em que ela nasceu e cresceu. Onde estiver, tenho certeza de que estará olhando para o seu neto com orgulho. Gratidão!

AGRADECIMENTOS

Até posso parecer um pouco presunçoso, mas gostaria de iniciar a sessão agradecendo a mim mesmo, por não ter desistido em meio aos percalços e ter insistido em chegar até aqui.

À minha Orientadora, a Professora Dra. Eleonora Montenegro por, tão sabiamente, ter tomado este trabalho nas mãos e ter me guiado no caminho certo até a conclusão do mesmo, sendo, para mim, uma verdadeira anja.

Quero agradecer ao meu querido companheiro Onivaldo Júnior por sempre estar ao meu lado e ter me ajudado a segurar a barra que foi tão desafiadora nesses últimos anos.

Quero agradecer a minha Mãe, Maria Lúcia Coelho de Lima, por ter me dado o dom da vida e, mesmo sem muitas condições, sempre ter insistido para que eu corresse em busca dos meus sonhos e por torcer para que eu seja muito feliz em tudo que eu fizer.

À minha irmã Raissa, minhas sobrinhas Hadassa e Hannah, minha tia Miriam, ao meu primo/irmão Jonathan e a minha avó Dona Josefa (in memorian), por terem sido a família mais carinhosa e especial que eu poderia ter.

Agradeço às minhas professoras de canto Daniella Gramani, Gabriella Ricci, Daniella Resende e Maria Gabriella Villar, por terem me ajudado durante toda caminhada acadêmica.

À minha querida professora Ms. Marília C. Bezerra, de piano complementar, pelas aulas maravilhosas, didática fabulosa e os conselhos que levarei para a vida.

À Escola de Música Onivaldo Junior (EMOJ) e aos meus queridos alunos e alunas, por terem me permitido desfrutar, na prática, das delícias e dos obstáculos da docência especializada em técnica vocal.

Ao André Luís Passos Pequeno, meu querido aluno e amigo, que me ajudou com a confecção do meu Abstract.

Àqueles que, de uma forma muito especial, passaram pela minha vida deixando um bocadinho de amor no meu coração.

"Por isso eu canto a minha vida com orgulho
Com melodia, alegria e barulho
Eu sou feliz e rodo pelo mundo
Eu sou correria, mas também sou vagabundo

Mas hoje dou valor de verdade
Pra minha saúde e pra minha liberdade
[...]
História, nossas histórias
Dias de luta, dias de glória" ...

("Chorão": Alexandre Magno Abrão)[1].

[1] Trecho da música "Dias de luta, dias de glória" do cantor "Chorão" (Alexandre Magno Abrão), vocalista de uma das bandas mais icônicas do rock brasileiro ("Charlie Brown Jr"). A banda se dissolveu após a sua morte em 06 de março de 2013.

RESUMO

Este trabalho nasce da inquietação, busca de orientação e resiliência durante o processo de pandemia da covid 19, enfrentado por toda população mundial entre o ano de 2020 e primeiro semestre de 2022, provocando enorme mudança no que diz respeito à forma de educação, passando de totalmente presencial à totalmente e emergencialmente remota. O objetivo desta escrita é compartilhar a experiência vivida por um professor de canto popular junto aos seus alunos e alunas que, através do diálogo com artigos, monografias, dissertações e teses, descobriu novos equipamentos para tornar viável e de qualidade o seu ofício. Nas considerações finais, além de ressaltar as ferramentas práticas virtuais para o uso no dia a dia, a compreensão da importância do compartilhamento de saberes, dúvidas, erros e acertos, como mais uma ferramenta que pode servir de inspiração e encorajamento para que novas experiências possam ganhar voz e espaço.

Palavras-chave: educação musical; canto popular; ensino emergencial; tecnologias.

ABSTRACT

This work was born from the uneasiness and the search for directions and resilience during the COVID-19 pandemic that the world's population faced between the year of 2020 and the first semester of 2022, causing an enormous change in aspects related to education, which went from in-person to emergency remote classes. The aim of this work is to share the experiences of a singing teacher with his students, through a dialogue with academic articles, theses and dissertations, while discovering new equipments and technologies to increase the quality and make the teaching process more feasible. In the final considerations, beyond the emphasis on the online tools for teaching, the comprehension of the importance of sharing of knowledge, questions, mistakes and successes, as additional tools to inspire and encourage new experiences that can flourish in a new environment.

Keywords: musical education; popular singing; emergency teaching; technologies.

SUMÁRIO

1 **INTRODUÇÃO** 10

Antes da pandemia 10

Durante a pandemia 12

Após a pandemia 13

2 **CAPÍTULO 1: DESAFIOS E APRENDIZAGENS** 15

2.1 Primeiros passos 15

2.2 Um professor de canto: sempre em desafios 19

2.2.1 A Pandemia: Aprendizagem obrigatória e urgente 20

2.2.2 Necessidade e busca de novas ferramentas 21

3 **CAPÍTULO 2: DIÁLOGOS FUNDAMENTAIS** 26

3.1 Canto popular: algumas especificidades 27

3.2 Ensino emergencial: as duas referências mais consultadas 29

4 **CONSIDERAÇÕES FINAIS** 36

REFERÊNCIAS 39

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho que agora apresento, nasceu da inquietação, solidão e plena necessidade de ver melhor documentada a trajetória percorrida durante a pandemia, não apenas por mim enquanto professor de canto, mas que se estendeu por tantos e tantas profissionais de ensino, nesse momento de muitas dúvidas e desafios que foram os anos de 2020 até o primeiro semestre de 2022. Pouco mais de dois anos, mas de muitos desafios e aprendizagem. Afinal, não havia outra forma a não ser correr atrás de mecanismos que nos fizesse continuar ativos em nosso ofício, ao mesmo tempo em que também os alunos e alunas precisaram se adaptar ao novo momento e formas de aprender.

Mas antes da definição por este tema, muitas dúvidas e buscas se apresentaram como possibilidades de pesquisa, o que mais ainda me gerou uma certa insegurança quanto ao encaminhamento a ser dado, pegando-me de surpresa mais ainda o processo de pandemia, fazendo-me mudar drasticamente o que vinha desenhando anteriormente.

Buscando uma forma mais didática para uma melhor compreensão dessa leitura, dividirei esta introdução em três momentos, ou seja: antes, durante e após a pandemia. Em cada uma dessas fases também apresentarei as principais dúvidas, entraves, erros e acertos, que me fizeram chegar, enfim, ao trabalho ou tema atual. Nesta introdução, apenas linhas mais gerais que serão melhor desenvolvidas no primeiro e segundo capítulo.

Antes da pandemia

Para uma melhor compreensão do processo vivido, gostaria de falar primeiramente sobre as mudanças transcorridas durante as disciplinas e as orientações, que foram se alternando, deixando-me um tanto perdido, pois nunca tive a prática da pesquisa formal acadêmica. Nesse primeiro momento, transcrevo aqui um pouco desse processo, até este último semestre em que o tema da aprendizagem metodológica com e/ou através da pandemia, de certa forma obrigatória, me pareceu mais claro e mais urgente.

Definição e dificuldades para um primeiro tema:

Professora 1: Entrei na disciplina de TTC I, no semestre 2017.2, para dar início ao que seria o pré-projeto do trabalho de conclusão. Na época eu não fazia ideia do que pesquisar e, conversando com meus colegas de turma, constatei que muitos também tinham a mesma dúvida. Eu me encontrava realmente bem perdido. Estava aprendendo a confeccionar um projeto, mas ainda sem ter um rumo sobre o que deveria pesquisar.

Em casa, conversando com meu companheiro sobre as dificuldades que ele enfrentava no exercício da profissão de cantor e também como professor de arte na escola de ensino regular, com alunos do fundamental 1 e 2, eu pensei que poderia ser algo interessante para um projeto de pesquisa, pois aqueles mesmos desafios e problemas que ele enfrentava, fazem parte de tantos alunos e alunas recém formados e fariam também parte da minha vida futura como professor de escolas regulares. A princípio, imaginei que poderia investigar todas as atividades que ele exercia como músico, que eram: regente de coral, professor de artes e professor de canto particular. A professora do TCC I me explicou que esta seria uma pesquisa muito extensa para um trabalho de graduação e que eu poderia delimitar melhor a minha pesquisa. Ela me aconselhou, então, a escolher apenas uma das modalidades em que ele atuava e sugeriu que fosse o trabalho dele como professor formado em canto pela Universidade Federal da Paraíba, porém atuando como professor de artes na escola da rede pública de João Pessoa. Assim o fiz e dei meu pontapé para a pesquisa e escrita desse trabalho.

Professora 2: Após a disciplina de TCC I, passei à Pesquisa Orientada, desta vez já com outra professora. Com ela, dei início à busca pelas referências e também às primeiras observações no ambiente de trabalho do professor. Neste período, consegui fazer seis observações de aulas em que o docente preparava os alunos para a atuação em uma festividade escolar. As turmas eram do fundamental 1 e, para cada uma delas, ele produziu uma apresentação diferente, de modo que havia apresentações de dança, de peças teatrais e musicais, com os alunos e alunas tocando alguns instrumentos de percussão da própria escola.

Parecia que tudo caminhava bem até que, em uma reunião, a professora anterior de TCC I perguntou à professora atual sobre quem seria o ator de minha pesquisa. Quando ela respondeu que era o meu companheiro, de imediato foi solicitado que ela me orientasse na mudança de minha pesquisa, pois seria necessário que houvesse o distanciamento entre o pesquisador e o seu objeto de trabalho.

De início a professora de Pesquisa Orientada ficou relutante, pois já havíamos caminhado bastante com a pesquisa e todo aquele trabalho seria desperdiçado, além de haver um inevitável atraso na minha formação. Então ela sugeriu que eu colocasse mais outros dois

atores na mesma pesquisa para diluir a participação de meu companheiro e fazer uma comparação entre o trabalho dos três docentes. Fiquei, então, um tanto bloqueado quando traçamos os perfis a serem procurados, pois teriam que coincidir bastante com o perfil do primeiro ator já observado.

Pela dificuldade de encontrar pessoas com as mesmas especificidades que as do primeiro ator, resolvemos expandir um pouco mais o padrão, deixando de lado que a pessoa tivesse formação em canto e que ela tivesse a graduação na licenciatura em música. Naquela situação a impressão que me dava era que eu já estava desenvolvendo uma dissertação, pois, a cada dificuldade enfrentada, as adaptações que fazíamos tornava o trabalho de pesquisa ainda maior. Foi quando a professora daquele período precisou tirar uma licença saúde e se afastar dos trabalhos junto à Universidade. Nesse momento, ela mesma se encarregou de me indicar uma nova orientadora, que se aproximava bastante do trabalho com o canto e que se interessou pela minha pesquisa. Desta forma, fui trabalhar com a professora substituta recém contratada.

Professora 3: Quando tivemos nossa primeira reunião, a nova professora me falou que poderíamos delimitar de volta a pesquisa para escrever apenas sobre o primeiro ator, pois o trabalho envolvendo três observados não se enquadraria numa pesquisa de graduação por ser uma pesquisa extensa demais. A professora também alegou não haver problema algum o fato do ator da pesquisa ser meu companheiro, pois ela, como orientadora, traria o devido distanciamento que o trabalho necessitava, além de o nome da pessoa, nem o fato de ele ser meu companheiro, não serem citados em momento algum no TCC. Ao ler o que eu já havia apresentado do trabalho, a nova orientadora também achou uma pesquisa interessante e falou que se eu não a escrevesse ninguém a faria, pois outras pessoas não tinham a proximidade pertinente com um ator naquelas condições de trabalho para despertar tal interesse.

Durante a pandemia

Início da pandemia de covid 19 e o interesse por um novo tema:

Professora 4: Veio a pandemia e, juntamente com ela, muitas novas reflexões, além da impossibilidade de continuar o trabalho presencial de pesquisa. Nesse período troco novamente de professora orientadora, pois findara o contrato daquela professora substituta, entrando uma nova professora substituta de canto.

Muito tocado com o momento que estávamos vivendo e, como acredito que todos e todas docentes e discentes, atravessando a enorme dificuldade com a nova realidade das aulas

virtuais, tive o interesse e a necessidade de me aprofundar sobre como seria ministrar aulas de maneira totalmente remota, pois era algo que eu estava passando tanto no meu trabalho como professor de canto, quanto nos meus estudos como aluno da Universidade Federal da Paraíba. Este tipo de trabalho remoto não seria algo pretendido por mim a menos que não tivesse outro jeito. Para o trabalho com aulas de canto eu ainda penso que os encontros presenciais são mais interessantes e produtivos, mas naquele momento, independente da minha vontade (e de tantos e tantas profissionais), precisava obrigatoriamente me adaptar ao trabalho e estudo remoto. Desta forma, precisava saber mais sobre esse universo que, neste momento atual de tantas mídias digitais, tem sido tão utilizado, formado e ajudado também muitos profissionais.

E assim atravessamos pouco mais de dois anos de muitas incertezas, inseguranças, desafios, angústias, mas também muita luta, coragem e busca de superação.

Após a pandemia

Último semestre, TCC II: Mergulho na experiência vivida

Professora 5: Agora, chegando ao meu último período do curso, mais uma vez preciso mudar de orientadora, pois também havia terminado o tempo de contrato da segunda professora substituta. Desta forma, assumiu a minha orientação a professora Dra. Eleonora Montenegro e o tema ainda me parecia uma incógnita, mas tendo agora mais claro o desejo de pesquisar o ensino de canto popular no modo de aulas remotas, pois havia vivido uma experiência muito singular durante os anos de pandemia.

Muitas conversas sobre todo processo vivido durante as disciplinas, das tantas dúvidas e mudanças na pesquisa, que fui orientado a transcrevê-lo nesta justificativa, até mesmo para que pudesse melhor assimilar o que aconteceu, as transformações ocorridas e o verdadeiro sentido dessa escrita, ou seja, o que realmente me impulsionaria a esse novo tema.

A orientação que recebo neste último semestre, fala-me da importância fundamental do comprometimento com a pesquisa, mas, acima de tudo, do prazer em fazê-la. Também me lembra que o TCC, ou trabalho de conclusão de curso, não pode ser apenas o cumprimento de uma obrigatoriedade, mas uma busca ou caminho que se abre para futuras pesquisas.

Compreendi, então, que todo trabalho desenvolvido antes e durante a pandemia não foi perda de tempo no processo de escrita, mas exatamente amadurecimento e uma nova pesquisa que se desenvolvia inusitadamente, instigada pela necessidade e pelo entusiasmo do mergulho.

Dessa forma, depois de longas conversas com a minha nova orientadora, ela me apresenta um roteiro de escrita, como uma espécie de entrevista a mim mesmo, para facilitar a organização ou resgate do material pesquisado e vivenciado durante todo processo das aulas online. Dessa forma nasceu a metodologia para escrita deste trabalho. Uma espécie de resgate (no decorrer desses dois anos tão complexos) das ferramentas descobertas, que me possibilitaram atravessar com relativo sucesso mais essa etapa profissional e de vida.

Assim, a escolha deste novo tema AULAS DE CANTO NA PANDEMIA: URGÊNCIA E RESILIÊNCIA, mostra-me, de forma mais consciente, a sua necessidade e importância, pois aponta não apenas uma angústia pessoal vivida, mas uma solidão, desafios e resiliência coletiva.

Este trabalho nasce, então, da inquietação, busca de orientação e resiliência durante o processo de pandemia da covid 19, enfrentado por toda população do nosso planeta entre o ano de 2020 e primeiro semestre de 2022, provocando enorme mudança no que diz respeito à forma de educação, passando de totalmente presencial à totalmente e emergencialmente remota. O objetivo desta escrita é compartilhar a pesquisa desenvolvida por um professor de canto popular junto aos seus alunos e alunas que, através do diálogo com artigos, monografias, dissertações e teses, descobriu novos equipamentos para tornar viável e de qualidade o seu ofício.

No primeiro capítulo, um pouco da trajetória pessoal até os primeiros passos como professor e artista, até a reviravolta e necessidade de se reinventar em novas metodologias. No segundo capítulo, o diálogo com alguns autores e autoras, empatias, sincronicidades, solidão acompanhada e resiliência. E nas considerações finais, a compreensão da importância sempre do compartilhamento de saberes, como mais uma ferramenta que pode servir de inspiração e encorajamento para que novas experiências possam ganhar voz e espaço.

2 CAPÍTULO 1: DESAFIOS E APRENDIZAGENS

"Você não sabe o quanto eu caminhei
Pra chegar até aqui
Percorri milhas e milhas antes de dormir
Eu nem cochilei
Os mais belos montes escalei
Nas noites escuras de frio chorei".

(A Estrada[2]; Cidade Negra)

Iniciarei este capítulo falando um pouco da minha trajetória, como uma espécie de memorial, para que melhor possa ser a compreensão de como se deu o encantamento/necessidade pelo tema desta pesquisa. A intenção na realidade não é falar exatamente de uma pessoa, mas colocar-me aqui enquanto mais um dos tantos meninos vindos de cidades pequenas do interior do estado, locais onde ainda hoje, apesar de tanto desenvolvimento tecnológico, vemos a precariedade do ensino de música (ou das artes em geral). No meu caso, como acredito que para muitas pessoas, resta-nos o desejo e a aprendizagem solitária, muitas vezes até mesmo contra a vontade da própria família. Assim, como autodidata, começa a minha história.

2.1 Primeiros passos:

Nasci na pequena cidade de Mamanguape, situada no interior da Paraíba, a quase 50 quilômetros da capital João Pessoa, com população de pouco mais de 45 mil habitantes. Está localizada a caminho de Natal, capital do Rio Grande do Norte, às margens da BR 101. Em seu entorno existem outras pequenas cidades como: Rio Tinto, Capim, Curral de Cima, Marcação, Baía da Traição, Cuité de Mamanguape. Todas essas pequenas cidades foram vilarejos que cresceram e se tornaram independentes de sua Cidade Mãe. Este conjunto é o que hoje representa o Vale do Mamanguape. Tem sua economia baseada no comércio local, na pesca e no cultivo de cana de açúcar, com grandes usinas instaladas na região que produzem açúcar e etanol e oferecem emprego para muitos moradores, tanto da própria Mamanguape como de todos os outros municípios circunvizinhos. Na educação, a cidade também oferecia suporte para todo o Vale do Mamanguape, pois contava com grandes escolas das redes estaduais e

[2] A Estrada é um dos maiores hits da banda de reggae Cidade Negra, sendo o primeiro single promocional do álbum *Quanto Mais Curtido Melhor*. Composta por Toni Garrido, Bino, Lazão e Da Ghama, em 1998.

municipais com ensino fundamental e médio, além de abrigar parte do Campus IV da Universidade Federal da Paraíba, lugar este onde muitos colegas e eu iniciamos nossa trajetória acadêmica.

Meus primeiros passos com o canto começam no final dos anos 80 e início dos anos 90, quando minha família comprou nosso primeiro aparelho de som. Eu estava, então, com uns cinco anos de idade. Nós ouvíamos, nas emissoras de rádio, as canções de sucesso que eram apresentadas pelos artistas da época nos programas de televisão. Eu cantava as músicas e as aprendia com muita facilidade. Minha família ouvia Fagner, José Augusto, Roupa Nova, entre outro(a)s de sucesso na mídia. Lembro que o aparelho de som ficava ligado quase que o dia todo. Enquanto minha avó cozinhava, eu ficava na sala com uma colher de pau fingindo que era o meu microfone; cantava as músicas e, na minha imaginação, eu estava em cima de um palco cantando para um público enorme. Na época estourou nos programas de TV uma dupla de crianças (Sandy & Júnior) cantando músicas "infantis" que chamava muito a minha atenção ... e eu aprendia e cantava. Lembro que minha mãe e minha tia gostavam de me ver cantando e me davam a colher de pau, meu microfone de mentirinha, para que eu pudesse simular minhas apresentações.

O tempo foi passando e, sem que eu percebesse, fui adquirindo o interesse por outro tipo de arte. Talvez mesmo pela falta de um estímulo adequado, pois na cidade onde morávamos não existiam escolas de música ou professores particulares que pudessem me impulsionar, me direcionar de um jeito certo, eu me afastei da música e me interessei pelos desenhos. Comecei a desenhar os personagens dos programas infantis da época, mais especificamente os animes japoneses, pois tinham um alcance muito grande entre crianças e adolescentes nos anos 90. Nas bancas de jornais tínhamos álbuns de figurinhas e revistinhas com pôsteres dos mangás que eram apresentados nos programas de TV. Nessas revistas havia muitas referências de como poderíamos desenvolver as técnicas para melhorarmos nossos traços, nossos sombreados e muitas outras dicas. Na cidade também havia outros garotos mais velhos que já desenhavam muito bem e que se disponibilizavam a me ajudar, além do material que eu conseguia encontrar nas revistinhas. Tudo isso tornava a aproximação pelo desenho uma coisa mais forte e eu até já pensava que, na faculdade, me formaria em arquitetura, pois era algo mais próximo do que, na época, eu tinha conhecimento e gostava de fazer.

Quando eu estava no ensino fundamental, tive, então, uma nova aproximação com a música. Surgiu um grupo de capoeira na cidade e eu fiquei muito interessado, matriculando-me juntamente com meus amigos do bairro. Além dos exercícios para o corpo, parte das aulas

consistia em aprendermos e praticarmos os instrumentos utilizados para o acompanhamento da luta. Assim, aprendemos a tocar o pandeiro, o atabaque, o caxixi e o berimbau; este último nós aprendemos também a confeccioná-lo. Em Mamanguape era mais fácil para nós conseguirmos encontrar o pau beriba e a cabaça, pois havia muitas matas na região. Aprender a tocar e confeccionar um instrumento (berimbau) me auxiliou mais tarde, na faculdade, quando estudei a disciplina Oficina de Música III. Foi nessa disciplina, com as pesquisas que fizemos, que descobri que seria possível confeccionar um berimbau com material totalmente reciclado.

Após meu período na capoeira, minha família começou a fazer parte de uma igreja evangélica. E foi justamente nessa igreja, onde tive meu maior envolvimento com a música e com a prática de ensino e aprendizagem. Com 13 anos de idade, comecei a cantar no coral da igreja. Nesse período eu estava com a voz bem falha, pois me encontrava no ápice da muda vocal[3]. O regente da época me classificou como sendo baixo e eu fiquei cantando nesse naipe até meus 15 anos de idade. Durante esse período, dos 13 aos 15 anos, também me dediquei ao aprendizado do violão e de outros instrumentos. Fui convidado a frequentar os ensaios do grupo de música da igreja como aspirante a futuro participante. Esta era uma prática comum na igreja: antes de fazer parte do grupo, os novos integrantes participavam como aspirantes, para irem aprendendo sobre as músicas e as rotinas da banda.

A igreja, na época, não tinha uma bateria e, um dia, enquanto esperávamos o ensaio começar, eu estava mexendo nas funções do teclado, quando achei um timbre de bateria. Experimentei algumas combinações e comecei a brincar, acompanhando o rapaz que tocava violão. O grupo era formado por vários cantores, um rapaz que tocava violão e outro rapaz que tocava teclado. Então, utilizei um segundo teclado para fazer uma brincadeira com o som da bateria, o que agradou bastante os integrantes da banda, pois podiam ter o som de uma bateria, sem necessariamente ter o instrumento físico dentro da igreja. Alguns membros da igreja não queriam o uso de uma bateria porque diziam ter um som muito forte e difícil de controlar, mas com uma percussão eletrônica já não tínhamos esse problema.

Assim, passei algum tempo tocando aquela percussão no teclado, mas não era exatamente o que eu queria; era o que eu precisava fazer naquele momento. Então peguei emprestado um violão com o pastor da igreja (que ele não usava mais), fui numa banca de revista e comprei algumas que pudessem me ajudar naquele primeiro momento. Dentre elas,

[3] Segundo o Professor da Universidade Federal de Uberlândia e cantor lírico, Flávio Cardoso de Carvalho (2015, p. 03), é o processo onde o som da voz fica mais inconstante. É chamado de puberfonia e ocorre no período da adolescência juntamente com todas as mudanças corporais e anatômicas, resultando no processo de aumento de tamanho das pregas vocais, crescimento da laringe e do pescoço, além da expansão do reservatório de ar.

havia uma revista com um dicionário de acordes bem completo e com muitos assuntos de teoria musical. Comprei essa revista e a li inteira. Não consegui entender tudo, mas ela era um suporte que eu sempre tinha à mão quando surgia alguma dúvida. Continuei, ainda por algum tempo, tocando a percussão eletrônica na igreja, enquanto aprendia mais sobre o violão. Aquele aprendizado me ajudava a, inicialmente, dar palpites nos ensaios da banda, como, por exemplo, algumas ideias sobre como o violão ou o teclado podiam fazer alguns ataques de algumas notas para combinar com as viradas que eu fazia na bateria.

Algum tempo depois, apareceu um novo aspirante a entrar na banda e ele se interessou pelo que eu fazia no teclado usando timbres de bateria. Aproveitei então para ensiná-lo e, quando ele já estava bem desenvolto, coloquei-o para assumir o meu lugar e fui tocar o contrabaixo que eu tinha desenvolvido um pouco por conta dos bordões[4] do violão (que eu compreendia serem as cordas mais graves e que faziam os baixos dos acordes). Os bordões têm a mesma afinação das cordas do contrabaixo, então eu entendi o que eu precisava fazer no contrabaixo através dos estudos dos acordes tradicionais e dos acordes invertidos no violão.

Alguns anos depois, o rapaz do violão teve que deixar as atividades da igreja pra se dedicar à faculdade e ao trabalho, então eu acabei assumindo a liderança da banda. Precisávamos de alguém para tocar o contrabaixo no meu lugar. Convidei, então, um novo aspirante para estudar o instrumento comigo e, aos poucos, fomos remontando o grupo de música da igreja. O grupo contava, então, com três cantores, o violonista que era eu, o baixista e o baterista (que ainda usava a bateria do teclado).

Houve uma mudança no prédio da igreja e a gente foi para um lugar maior, com mais espaço. Nesse novo lugar a banda conseguiu uma bateria acústica, tradicional. Acostumados que estávamos com a bateria eletrônica do teclado, termos que nos adaptar a um instrumento com uma dinâmica diferente levou um certo tempo. Sabíamos a combinação de sons que queríamos ou precisávamos, mas deu um pouquinho de trabalho acostumar o corpo a fazer algo que antes era feito apenas com os dedos. Com o tempo tudo foi se ajustando e consegui, através de alguns exercícios, ajudar o baterista na readaptação ao novo instrumento.

Tínhamos um grupo relativamente completo, mas começou um movimento que até então eu não fazia ideia que ocorria com tanta frequência na igreja: os aspirantes a entrar na

[4] Os bordões do violão correspondem as três cordas mais graves do instrumento, na afinação tradicional Ré, Lá, Mi. Estas cordas são de nylon revestidas com algum metal, como por exemplo, prata, o que gera uma sonoridade mais forte em comparação as três cordas mais agudas. (KREUTZ, 2014. p. 119).

banda eram, em sua maioria, pessoas que queriam aprender a tocar um instrumento, mas não queriam o compromisso de tocar na banda da igreja. Esse movimento era comum por não haver uma escola de música na região, ou mesmo professores particulares para ensinar música, como acontece em uma cidade grande. Percebendo essa atitude, e pela dificuldade de conseguir emprego naquela cidade, comecei a dar aulas particulares com o pouco que eu sabia, até que eu pudesse conseguir um emprego com carteira assinada. A banda da igreja se estabilizou com alguns amigos queridos que eu fiz, a rotatividade de pessoas que entram na igreja só para aprender um instrumento se mantém até hoje e acredito que não seja um movimento apenas naquela pequena cidade.

Quando terminei o ensino médio, eu queria me especializar para poder trabalhar com música com mais respaldo e profissionalismo, então prestei vestibular por 3 anos seguidos, mas todos sem sucesso. Com os anos passando e a necessidade chegando, entendi que não dava mais para esperar pelo sonho de trabalhar com música e fui estudar outras coisas, dentre elas a computação que era algo que eu gostava, já que estava vivendo no meio da explosão tecnológica, mas toda noite eu ficava pensando se era isso mesmo que eu queria.

Em 2012 me mudei para buscar trabalho em João Pessoa, já que no interior estava bem difícil. Por aqui conheci alguns grandes amigos que trabalhavam com música, dentre eles o cantor e professor Onivaldo Júnior, que ficou insistindo para que eu voltasse a pensar na música com carinho. Incentivou-me a fazer o vestibular para canto popular em 2015 e, para minha surpresa, naquele ano eu passei e comecei a trabalhar com música já nos primeiros períodos, dando aulas, participando de alguns projetos com corais de maneira profissional e tocando em casamentos com meus amigos da faculdade e do trabalho.

2.2 Um professor de canto: sempre em desafios

Importante frisar aqui que antes do período da pandemia eu já atuava como professor de canto em uma escola privada de música, situada no bairro Castelo Branco, na Cidade de João Pessoa. Meu trabalho seguia mais ou menos os mesmos parâmetros que eu havia estudado com os meus professores da universidade. Eram aulas semanais e individuais, com aproximadamente uma hora de duração, em dias fixos. Na escola eu dispunha de um teclado e um violão, instrumentos que eu usava para acompanhar os alunos durante seu aquecimento e o trabalho com técnica vocal e, posteriormente, eu os utilizava para tocar as músicas que os alunos cantavam em aula, durante nosso trabalho de repertório. A aula seguia dois momentos: o

trabalho de aquecimento mais o de técnica vocal e, em seguida, a execução do repertório que os alunos vinham desenvolvendo. Todo esse estilo de conduzir a aula já era, para mim, uma prática comum.

Na escola, além de um teclado e um violão para o acompanhamento do(a)s aluno(a)s, eu dispunha de uma sala de aula com cadeiras, climatização, quadro com pentagrama para a explicação do conteúdo teórico, computador e impressora. Sobre as aulas, inicialmente, eu achava mais fácil conduzir o aquecimento vocal dos alunos através do teclado, pois, além de ser mais prático de fazer o dedilhado das escalas e arpejos em um instrumento de teclas, os alunos se acostumavam melhor com os exercícios quando os ouviam pelos timbres do teclado e, sempre que era preciso, ainda cantava com eles os exercícios para uma melhor compreensão.

Os momentos com o violão aconteciam quando eu acompanhava os alunos e as alunas na execução dos seus repertórios. Com o violão eu tinha mais habilidade para tocar as músicas com mais rapidez e precisão, já que estudava este instrumento desde os anos 2000. Tinha também mais habilidade, ao ouvir as músicas sugeridas, em descobrir a tonalidade, bem como de transpor para uma tessitura mais adequada a cada um e uma. Esta última só foi possível devido aos estudos de teoria feitos, tanto lá no começo dos meus estudos do violão (ainda como autodidata) com o auxílio das revistinhas de música, quanto com os estudos das disciplinas de teoria e percepção musical e, também, das metodologias do ensino do canto, ofertadas no curso de licenciatura em música pela UFPB.

2.2.1 A Pandemia: Aprendizagem obrigatória e urgente

Em julho de 2020, conforme já mencionado na introdução deste trabalho, me reuni com a nova (ou a quarta) professora orientadora, para discutirmos sobre então como ficaria o novo projeto do TCC. Naquele momento de pandemia, estávamos todos passando pelo processo de adaptação das aulas de modo 100% presencial para o modo remoto, com encontros totalmente virtuais e ao vivo, via programas de computador. Era um momento bem delicado, em que as aulas iniciais funcionavam como testes que nós fazíamos para pôr em prática os usos de cada ferramenta nova que estávamos aprendendo a desenvolver. Até então, eu nunca havia experimentado aqueles recursos, que estavam chegando e evoluindo, para fazer parte dos nossos ambientes educacionais dali por diante.

Todo este primeiro contato com este clima de aulas à distância e o uso de tecnologias me fez refletir sobre como outras pessoas estavam trabalhando para manter o ensino de música,

fosse canto ou um outro instrumento, durante aquele cenário de pandemia que nos obrigava a manter o distanciamento social. Foi então que, partindo das minhas descobertas com a pesquisa de materiais, de recursos como aplicativos e equipamentos para me auxiliarem nas aulas à distância, eu me vi envolvido e impelido a direcionar a pesquisa do meu trabalho de conclusão para essa forma de ensinar canto durante um momento tão difícil da nossa história. Percebi que se tratava de uma pesquisa diária, inesperada, de muita urgência, mas ao mesmo tempo extremamente rica e instigante.

Escola de Música no Castela Branco

Em 2020, quando se abateu sobre o país o problema da pandemia de coronavírus e, com isso, a exigência de mantermos o distanciamento social visando o não comprometimento da saúde das pessoas, todos nós que fazíamos a escola de música no bairro do Castelo Branco ficamos bastante preocupados, pois os alunos não queriam e não podíamos dar um fim àquela atividade. Em contrapartida, como professores e trabalhadores precisávamos manter nossos empregos e dar continuidade às atividades musicais. Ao, então, nos reunirmos para planejar e ver o que podia ser feito, decidimos que a escola de música seguiria suas atividades igualmente às escolas de ensino regular. Na ocasião, havia muita preocupação, principalmente dos pais e mães, sobre se seus filhos e filhas perderiam o ano escolar. Muitas discussões foram levantadas sobre o problema da educação durante a pandemia e, aos poucos, foram surgindo algumas propostas apontando algumas soluções. Nós, os professores e professoras, os alunos e alunas adulto(a)s e os pais e mães de estudantes menores de idade, chegamos no consenso de que a melhor alternativa para aquele momento seria que as aulas continuassem no modo virtual, ficando todos os encontros na escola suspensos até que a situação mudasse e que fosse seguro para voltarmos às atividades no modo presencial.

2.2.2 Necessidade e busca de novas ferramentas

Neste momento, falarei sobre como aconteceu todo processo de adaptação, descobertas, erros, acertos, imprevisibilidades, conquistas; foram dois anos em que cada dia, cada aula, conta como grandes desafios. Cada ferramenta aprendida, cada sincronia com o alunado, cada menor alegria ao ver funcionarem aplicativos, foram pequenos grandes passos.

Aplicativos Whatzapp e Instagram

Quando começamos as aulas no modo virtual tentamos, inicialmente, conduzi-las com o uso dos smartphones, fazendo vídeo chamada através dos aplicativos Whatzapp e Instagram. Já neste primeiro momento, tive muitas dificuldades com relação a conexão de internet, os apps pareciam não oferecer a estabilidade que eu precisava e a qualidade de imagem. Em alguns momentos era satisfatória, em outros era péssima, e era preciso reiniciar a chamada várias vezes até que a qualidade ficasse minimamente decente. Nesse processo de reinicialização das conexões de vídeo, perdia-se muito tempo da aula, além de que os alunos e alunas (que eram crianças) ficavam muito disperso(a)s.

Softwares Zoom e Google Meet

Comecei, então, em um segundo momento, a testar os softwares Zoom e Google Meet. Esses pareciam ser bem mais profissionais, pois ofereciam mais recursos caso eu precisasse apresentar algum *slide*, PDF ou Documento. Testei esses aplicativos inicialmente no meu telefone, mas depois migrei para um Chromebook que era meu computador de uso pessoal. Logo percebi que, para esta demanda, ele serviria bem melhor que um celular, já que possuía uma tela maior, teclado, webcam e, principalmente, portas USB que viriam a ser bem úteis no futuro.

O principal aplicativo que eu utilizei foi mesmo o Google Meet, pois tinha uma boa qualidade de imagem, eu podia colocar meu material em PDF para explicar o conteúdo teórico para os alunos, além de facilitar quando eu precisasse apresentar as letras ou cifras. O grande gargalo na hora da transmissão se dava pelo *delay* no áudio. Ficava muito evidente que havia um atraso de alguns segundos entre o que eu apresentava na escola e o que chegava para os alunos e alunas. Eu tentava seguir, na aula remota, os mesmos passos que eu fazia na aula presencial e, durante os momentos em que eu começava a fazer os exercícios e os vocalizes usando o teclado como acompanhamento, percebia que o(a)s aluno(a)s sempre começavam a cantar entre três a cinco segundos depois que eu iniciava. Na tentativa de resolver este problema, adquiri uma interface de áudio que era conectada ao Chromebook via USB. Isto não resolveu o problema inicial do *delay*, porém o(a)s aluno(a)s relataram que o som que eu emitia chegava em seus dispositivos mais limpo e nítido. Como o atraso na emissão dos dados parece algo relacionado à velocidade da internet, então não era algo que eu poderia resolver, visto que eu até poderia estar usando uma internet de boa qualidade, mas o aluno receptor não; então me

adaptei a trabalhar mesmo com esse retardo de transmissão. Eu fazia os vocalizes do lado de cá e o(a)s aluno(a)s os repetiam do lado de lá, ainda que atrasado.

Interface de áudio, *Audacity*, YouTube, download de vídeos, áudios MP3, playback e outros

Durante o momento de estudarmos o repertório era um pouco mais desafiador, exigindo mais criatividade de minha parte, pois não era mais possível executar a música ao instrumento de um lado enquanto o aluno a cantava 5 segundos mais tarde, do outro lado. Então, com o auxílio da interface de áudio (que era onde eu conectava o microfone, fone de ouvido, o violão e o teclado para enviar o áudio desses equipamentos para o Chromebook com a máxima qualidade) e de um software de gravação gratuito chamado *Audacity*, eu podia gravar o acompanhamento das músicas e enviá-los em tempo real. Do lado do(a)s aluno(a)s era de suma importância que eles dispusessem de dois dispositivos de informática para realizar as aulas, ou seja: por um dos equipamentos (que poderia ser um computador) eles interagiam comigo durante as atividades e por um segundo aparelho (que poderia ser um smartphone) eles recebiam o áudio do acompanhamento instrumental, que eu havia gravado para executá-lo e cantar junto, para que eu pudesse, então, estar avaliando o processo vocal de cada um e uma, especificamente.

Outra ferramenta que eu comecei a utilizar com frequência foram os sites que fazem download de vídeos do YouTube e os transformam em áudios MP3. Algumas músicas, quando eu começava a estudá-las com o(a)s aluno(a)s, não tinham a necessidade de que a tonalidade fosse alterada, pois no tom original já ficava bastante confortável para cantar. Então, após baixar a música, eu colocava aquele áudio em um outro site que extraia a voz original do cantor e ficava apenas a instrumentação, que serviria de base ou playback para o aluno ou aluna estudar e cantar por cima do acompanhamento.

Eu sempre enviava para o(a)s aluno(a)s quatro versões da mesma música: a primeira era eu mesmo tocando e cantando acompanhado pelo violão; a segunda era apenas o acompanhamento do violão, pois eu achava importante para eles e elas vivenciarem uma outra dinâmica musical que não fosse a própria música original; a terceira era exatamente a música original com a voz do(a) artista; e a quarta era o playback que eu extraia da própria versão original do(a) artista em questão.

Sempre que a tonalidade (na qual o aluno ou aluna cantava) era diferente daquela que o(a) artista executava na canção, eu me utilizava de alguns recursos para auxiliá-los nos seus estudos em casa. Por exemplo: no momento em que ele ou ela executaria as canções via aulas remotas, por conta do *delay* da internet, ficava estranho e dificultoso tocar a música ao vivo e, ao mesmo tempo, entender o que o aluno ou aluna estava cantando com alguns segundos de atraso, e essa era uma forma que eu não conseguia ajudar muito bem. Então, depois que, junto com o(a) aluno(a), eu encontrava a tonalidade adequada para ele ou ela cantar aquela determinada música, eu executava a canção inteira ao instrumento conectado na interface de áudio que, por sua vez, estava instalada ao computador via cabo USB, para que o som do instrumento fosse captado pelo aplicativo com uma melhor qualidade sonora na gravação, para que só então eu pudesse enviar ao aluno ou aluna e, assim, cantassem para mim durante a aula com um acompanhamento minimamente decente.

A outra ferramenta que eu utilizava era usar os playbacks baixados no Youtube, porém, depois de baixados em MP3, eu os abria através do *Audacity* e usava a função que alterava a tonalidade da música em até seis semitons para cima ou para baixo. Eu costumava fazer isso tanto com a música original, quanto com o playback e pedia que o aluno ou aluna ouvisse, em seus estudos sozinhos, a música que eu já havia modificado a tonalidade, para que dessa forma, pudessem ir se acostumando e treinando o seu ouvido à nova tonalidade em que precisava cantar. A voz do cantor, na música original, depois de passar pelo processo de alteração de tom através do programa *Audacity*, ficava com o timbre bastante estranho e diferente, mas eu sempre explicava que o mais importante nesse caso era que se guiassem pela tonalidade da voz e não pelo timbre. Essa explicação era necessária já que alguns alunos e também alunas eram novatos e tinham a tendência de imitar a referência vocal das pessoas que eles ouviam.

Com o passar do tempo e com as aulas remotas avançando e evoluindo gradualmente, surgiu na escola a necessidade de apresentações musicais do(a)s aluno(a)s. Como não podíamos realizar os recitais na escola como de costume, devido ao afastamento social ainda muito necessário e à falta de vacinas para conter o avanço da pandemia aqui em nosso país, veio a ideia da gravação de vídeos com o(a)s aluno(a)s. Seriam vídeos caseiros mesmo, para postarmos nas redes sociais da escola e, desta forma, irmos transferindo para o meio virtual o que outrora fazíamos de forma presencial.

Eu precisava, então, de um aplicativo que me permitisse juntar a gravação das vozes do(a)s aluno(a)s com o áudio do instrumental (que eu preparava para que eles estudassem). Fui mais uma vez a procura e encontrei no Youtube vários tutoriais sobre um aplicativo gratuito de

produção musical, bem simples e muito completo, que me permitia produzir os acompanhamentos instrumentais para o(a)s aluno(a)s e deixar esse arquivo salvo para fazer alterações sempre que eu precisasse. Uma dessas alterações era justamente fazer a junção entre voz e instrumentação. O processo consistia em: o aluno ou aluna receber os arquivos de áudio para estudar e cantar com acompanhamento; ter dois dispositivos, um para ouvir o playback para cantar junto e o outro para gravar a sua própria performance; enviar a gravação de volta, para que eu ajustasse a voz e juntasse com o playback, enviando o projeto finalizado para o professor responsável pela edição e postagem dos vídeos nas plataformas e redes sociais da escola.

Contando assim de forma corrida, até parece muito pouco e até mesmo fácil, exatamente porque, depois de passada tanta agonia, este foi o mergulho vivido por tantos e tantas profissionais, ou seja, muitas pessoas foram obrigadas a esse movimento ou busca de ferramentas para a viabilização do trabalho. Mas durante o período da pandemia, todos os erros, acertos, descobertas de métodos, conteúdos, tecnologias, textos, autores que viviam as mesmas angústias e que compartilhavam as suas dinâmicas e aprendizagens; tudo foi de suma importância para essa construção e estímulo à resiliência. Uma reinvenção coletiva.

No próximo capítulo, falarei um pouco de algumas pesquisas que foram, para mim, de extrema valia durante todo esse processo. Companheiros e companheiras que, mesmo distantes, fizeram-se bastante presentes através dos seus textos, os quais foram muito consultados nos momentos mais desafiadores.

3 CAPÍTULO 2: DIÁLOGOS FUNDAMENTAIS

"O que está escrito em mim
Comigo ficará guardado, se lhe dá prazer
A vida segue sempre em frente,
o que se há de fazer?
Só peço a você um favor, se puder
Não me esqueça num canto qualquer".

(O Caderno[5]; Antonio Pecci Filho)

Este trabalho não tem o objetivo de discutir as metodologias do ensino do canto popular, mas sim especificamente compartilhar os diálogos possíveis que me serviram de apoio fundamental para atravessar as dúvidas e desafios durante o período da pandemia covid 19. Mas, antes de apontar neste capítulo os artigos que, nos momentos mais desafiadores e solitários, mais me auxiliaram e comigo dialogaram de forma bastante alentadora e ao mesmo tempo estimulante, falarei um pouco sobre os desafios do professor(a) de canto popular e suas buscas (já tão desafiadoras e tão diversas), mesmo na forma presencial, caminhando nesse momento para uma realidade sem volta, em contexto tecnológico, online e muitas vezes impessoal. Como e com quem dialogar? Que referências se somam ou fazem sentido às buscas que me proponho em sala de aula? Nesse tempo de tanta solidão, algumas vozes foram pesquisadas.

Apesar do ensino presencial ser a forma realmente ideal para o nosso trabalho (enquanto professores e também enquanto alunado), já presenciamos (de forma crescente) profissionais que estão se engajando e buscando técnicas e dinâmicas específicas para esse novo caminho. A pesquisadora, solista e professora de voz e de música da PUC-SP, Dra. Lucila Romano Tragtenberg, em seu artigo intitulado *Voz ao vivo em atividade remota: possibilidade e especificidades* (2020), tratando a forma que hoje assumimos (mais profundamente devido à pandemia) como "docência ao vivo e online", afirma que, "na área da música, e em específico na do canto, as aulas online também se mostraram uma opção, que começou a incluir profissionais que ainda não as tinham utilizado" (TRAGTENBERG, 2020, p. 89).

Como já citado anteriormente, esta não seria uma atividade que eu experimentaria até que fosse realmente necessária e este momento chegou com a grande crise sanitária de 2020.

[5] Trecho da música *O Caderno*, do cantor e compositor Toquinho (nome artístico de Antonio Pecci Filho). Lançamento no Álbum *A Luz do Solo*, em 1985.

Acredito que também para a maioria dos trabalhadores/trabalhadoras e pesquisadores/pesquisadoras em canto, esta forma ou atividade remota seria mesmo uma opção para trabalhos bem específicos, ou seja, para atingir públicos maiores e/ou geograficamente distantes.

3.1 Canto popular: algumas especificidades

As atividades de ensino de canto popular que eu exercia (antes da pandemia) com os meus alunos e alunas eram apoiadas, inicialmente, em seus repertórios, pois essas pessoas chegavam até mim com o desejo de cantar as músicas que mais gostavam ou que já cantavam nos seus trabalhos. Algumas atuavam como cantores na noite e/ou em grupos de música religiosa nas instituições que frequentavam. No decorrer das aulas, aos poucos, eu lhes apresentava um repertório pertinente e mais desafiador, com o intuito de desenvolver algumas habilidades e também de melhorar a afinação. Para tal, eu pesquisava músicas de cantores e cantoras em que os timbres fossem mais aproximados para o aluno ou aluna em questão. Alguns desses intérpretes eram desconhecidos do meu alunado e era interessante esse encontro com o novo, ao mesmo tempo que fazia bastante sentido para as vozes deles e delas.

Na dissertação da cantora, instrumentista, professora da Universidade Estadual do Ceará e pesquisadora na área de metodologia do ensino do canto popular, Maria Consiglia Latorre, (2002), encontro uma primeira resposta ou diálogo possível. Latorre (2002, p. 148) fala sobre o "conceito de referência, cuja construção parte da escuta de condutas vocais encontradas em diferentes períodos da história da moderna música popular brasileira". Essas referências eram o que eu buscava para construir com meus alunos e alunas o progresso vocal que tínhamos em vista. O desenvolvimento do canto e de habilidades, baseadas também na escuta de cantores e cantoras com outra estética vocal diferente das que eles e elas estavam acostumados a experimentar. Sobre este tipo de pedagogia, Latorre (2002) também afirma que:

> A assimilação desses modelos vocais é referenciada pelo ambiente cultural e pelo contexto histórico correspondentes, aqui designado de escuta de épocas, cujo procedimento analítico nasceu da necessidade de propor uma alternativa de trabalho pedagógico que revelasse às gerações mais novas, a riqueza de nosso repertório, tanto de canções como de paradigmas interpretativos, que servissem de referência para a construção de novas formas de interpretação (LATORRE, 2002, p. 148).

Desta forma, penso que oferecer aos novos cantores o contato com o universo de músicos que eles desconhecem, mas que pode proporcionar evolução vocal para os mesmos, é

uma ferramenta pedagógica bastante valiosa. Digo isto referindo-me ao canto popular brasileiro que, segundo afirmam várias pessoas estudiosas, ainda dá os seus passos iniciais na construção de uma metodologia que aborde especificamente a nossa música brasileira e o nosso jeito de cantar e nos expressar.

Sobre o início de um caminhar na metodologia do canto popular brasileiro, Latorre (2002, p. 174) expõe algumas propostas pedagógicas que, no início dos anos 2000, permeavam os estudos de cantores e professores de canto popular brasileiro, dentre elas as obras *Por Todo Canto*, das professoras Diana Goulart e Malu Cooper (2000)[6] e o *Método do Canto Popular Brasileiro*, do maestro Marcos Leite (2001)[7]. Latorre (2002) ainda explica que esses autores utilizam frases e pequenas canções do universo brasileiro, integrando-as aos exercícios vocais, com melodias baseadas nos intervalos das notas desde as segundas até as oitavas. Em tudo que ela destaca no seu trabalho, eu consigo compreender que não existe exatamente uma metodologia fechada para o ensino do canto popular no Brasil, pois o mesmo se apoia nas práticas e técnicas advindas ainda do canto clássico europeu e do Bel Canto estadunidense (este último devido ao seu grande número de estudos científicos e sistematizado especificamente para o trabalho na área do canto popular).

Assim, apesar dessas práticas e estilos ainda hoje serem observados de maneira um tanto quanto mesclados, cada vez mais estudos apontam as várias especificidades que distinguem o ensino e o estudo do canto erudito do canto popular. Carlos Eduardo Nascimento, em sua pesquisa de mestrado (2016), reitera que a estética do canto popular, suas singularidades e características, devem ser preservadas e a técnica vocal deve servir ao canto na intenção de uma melhoria na produção vocal, uma otimização da voz, sem tentar mudar ou padronizar. Assim também nos fala Sebastiana Couteiro (2012) em sua pesquisa ou dissertação, salientando a importância fundamental do conhecimento e cuidados para o bom uso da voz:

> Penso que a técnica vocal deve servir ao canto popular e não mudar sua estética, singularidades e características, preservando o que é naturalmente bem realizado. Devemos usar a técnica para uma melhor otimização da voz, aperfeiçoando a dicção, a respiração, o apoio, a emissão, resultando em uma melhor produção vocal. Um cantor que conheça as potencialidades de seu aparelho e seu mecanismo vocais será menos limitado vocalmente e terá menos problemas em relação a abusos e mau uso da voz. (COUTEIRO, 2012, p. 40-41)

[6] GOULART, Diana, COOPER, Malu. *Por todo canto.* Rio de Janeiro: D.Goulart, 2000
[7] LEITE, Marcos. *Método de Canto Popular Brasileiro.* Rio de Janeiro: Lumiar, 2001.

Couteiro (2012) ainda salienta que “a respiração para o canto popular brasileiro pode ser a mesma usada no Bel Canto, ou seja, a respiração costo-abdominal, observando-se, no entanto, uma demanda vocal muito menor no canto popular, que conta ainda com o apoio do microfone”. Dentre várias diferenças apontadas e refletidas em seu texto, ainda afirma:

> Acredita-se que ao se trabalhar o canto popular brasileiro deve-se ter como um dos pontos mais relevantes do trabalho a preservação do timbre, único e pessoal, não mudar a cor vocal do cantor, e sim aprimorá-la, ajudando cada aluno a otimizar sua qualidade sonora. Outro ponto importante diz respeito à emissão e ressonância vocais, que devem partir da voz falada, das nuances e naturalidades que acontecem durante a fala. (COUTEIRO, 2012, p. 41)

Eu poderia citar, no momento atual, depois desses mais de dois anos de enfrentamento da pandemia, uma quantidade bem razoável de novas leituras que apontam as dificuldades e conflitos enfrentados durante à covid 19, mas neste trabalho que aborda o meu processo ou experiência em particular, dois textos (escritos nos primeiros momentos) foram indispensáveis. Tratarei, então, de com eles dialogar, especificando os pontos de interseção que me serviram ao mesmo tempo de apoio e aprendizagem.

3.2 Ensino emergencial: as duas referências mais consultadas

SILVA (2021): um olhar para a prática de professores de música

A monografia de Janilson do Nascimento Silva (2021), apontando a prática do ensino remoto emergencial junto aos professores da Escola de Música da cidade de Natal, UFRN, foi o primeiro texto que me caiu às mãos e que me acompanhou de forma bem constante durante o período. Assim, as suas palavras dialogam com vivências para mim bem conhecidas:

> Na contemporaneidade, em momento anterior a democratização da Internet, podemos elencar outros recursos tecnológicos como as videoaulas, gravadas em VHS e as revistas de harmonia, vendidas nas bancas de jornal e correios, como forma de se aprender música em espaços e tempos variados, mas nem sempre sistematizados (SILVA, 2021. p. 21).

Quando Silva (2021) fala aqui sobre esse tipo de material, me lembra de quando eu estudava música (ainda como autodidata) e recorria muito a esse tipo de material impresso e também em DVD's com vídeo aulas de músicos que tocavam com artistas famosos ou que já

tinham uma certa bagagem/estrada na música; e eu os encontrava em bancas de jornais e revistas na cidade de Mamanguape.

Bem, durante este evento terrível de pandemia que vivenciamos e que nos impediu de continuar nosso trabalho do jeito tradicional com encontros presenciais, eu pude me deparar novamente com esta situação, ou seja, a vivência como autodidata, desta vez para me especializar em ferramentas que, até então, eu não faria uso a menos que realmente fosse necessário. Precisei entender como eu iria adaptar minha forma de ensino de canto presencial para o modo remoto emergencial. Foi preciso aprender a utilizar ferramentas de áudio visual para fornecer aos meus alunos e alunas o máximo que eu conseguisse, passando por cima de problemas de conexões e desânimo do alunado. Precisei, inclusive, reduzir os meus planos de aulas, pois o rendimento das aulas remotas era baixíssimo e não era possível inserir um plano de aula de cinquenta minutos, pois com todos os percalços das aulas virtuais, tal plano não seria completado a tempo.

Outra fala (ou descoberta) de Silva (2021) que, naquele momento, apontou um caminho fundamental para a continuidade do meu trabalho foi: "O *BandLab* é uma plataforma online que congrega, rede social, gravação multipista, instrumentos virtuais, loops e edição de áudio colaborativa" (SILVA, 2021. p. 25). Essa aplicação foi a última ferramenta que eu comecei a utilizar durante o período de pandemia. Ela me serve até o momento da escrita desse trabalho, para montar alguns acompanhamentos para os meus alunos e alunas cantarem por cima, como um playback.

Este software me foi uma grata surpresa, pois além de ser gratuito, dispõe de muitas ferramentas para quem está iniciando no mundo da produção musical. Com ele é possível produzir uma canção inteira do zero, através de camadas de instrumentos. O uso desse aplicativo é tão intuitivo que muitas das produções que eu fiz para os meus alunos e alunas foi através de um pequeno teclado controlador conectado ao smartphone via cabo USB. Desta forma, eu manipulava os sons do aplicativo através do teclado, fazia recortes em alguns trechos de melodias ou harmonias e montava um acompanhamento como se fosse um quebra cabeça. Depois de tudo pronto, era só exportar no formato de música MP3 e compartilhar com o aluno ou a aluna, para que eles pudessem estudar acompanhados. Ainda era possível captar as vozes dos alunos e alunas e inseri-las no acompanhamento para que eu, junto com eles e elas, pudesse avaliar o progresso e o rendimento dos mesmos durante o processo de aprendizado de música no modo remoto.

Mais uma afirmação de Silva (2021), que me foi de suma importância, pois dialoga com a minha própria experiência de vida, aqui já citada no capítulo 1:

> A autoformação ou autoaprendizagem sempre foi considerada uma forma válida de estudos na música, realizada muitas vezes através da observação de outros músicos ou da transcrição de gravações. Existem estudantes de música que categorizam a si mesmos como "autodidatas", isto é, são aqueles que buscaram seu aprendizado sem o auxílio formal de um professor, aprendendo através de livros, revistas, da internet, aplicativos e outros meios possíveis (SILVA, 2021. p. 25).

Penso aqui como esse trecho fortalece os momentos em que eu estudava sozinho, tanto no início quando eu ainda morava no interior e, de fato, estudava sem o auxílio de um professor, assim como também se repete durante o período da pandemia, quando eu tive que me debruçar sobre o computador em busca de ferramentas e, desta vez, amigos que trocassem experiências comigo e que me ajudassem a dar continuidade ao meu trabalho de maneira remota.

BARROS (2020): reflexões e sugestões para o ensino remoto de música

Além de Silva (2021), outro texto bastante enriquecedor (durante esta experiência de muito medo, muita insegurança e aprendizagem) foi o artigo de Matheus Henrique da Fonseca Barros (2020), com reflexões e sugestões para o ensino remoto emergencial de música. Durante aquele momento desafiador nas nossas vidas, para mim sobretudo como professor de canto, em que me vi bastante perdido e com a necessidade urgente de modificar o meu estilo de ensino (de totalmente presencial para totalmente remoto), pouco se podia encontrar de ajuda ou métodos que pudessem oferecer algum tipo de suporte para que eu pudesse dar continuidade ao trabalho.

Ainda em 2020, depois de uma busca cansativa em sites que ofereciam trabalhos científicos para músicos, encontrei esse artigo de Barros (2020), que penso ter sido uma das primeiras pesquisas científicas a tratar especificamente do ensino de música no modo remoto e da necessidade urgente deste tipo de ensino durante um momento de pandemia e distanciamento social necessário. Assim nos esclarecia:

> A pandemia da Covid-19, que assolou o mundo no início do ano de 2020, provocou efeitos instantâneos nos mais diversos campos de atuação da humanidade. No âmbito da educação, não foi diferente. As medidas de isolamento e distanciamento social, necessárias para impedir a proliferação do vírus, obrigaram a abrupta suspensão de aulas e o fechamento das escolas. (BARROS, 2020. p. 294).

Assim como Barros descreve, esta situação aconteceu de forma generalizada, tendo sido inevitável o fechamento das escolas de ensino tradicional, bem como das escolas particulares de música. Desta forma, nos vimos obrigados a mudar o estilo de atividades de aulas presenciais para o modo totalmente remoto e ao vivo, para que pudéssemos continuar proporcionando o ensino de música e de canto à distância. Como também de urgência, afirma-nos este autor:

> "Como tentativa para contorno da situação imposta, muitos sistemas educacionais precisaram tomar decisões instantâneas e enxergaram como solução a apropriação dos meios digitais para continuação das aulas e término dos conteúdos" (BARROS, 2020. p. 294).

Assim, como já bastante afirmado, para conseguir seguir com as aulas eu tive que testar vários aplicativos, além de aprender a utilização das ferramentas e as possibilidades que cada programa me disponibilizava, para só então poder escolher quais *softwares* iriam se adaptar melhor às situações com os meus alunos e alunas. Sobre esses desafios, seguia Barros (2020):

> Pela especificidade de seus conteúdos, o ensino remoto emergencial de música torna-se ainda mais desafiador. É válido observar que as plataformas de videoconferência que estão sendo usadas para as aulas virtuais não foram concebidas para atividades e performances musicais, apresentando problemas de latência, fidelidade sonora e sincronização. (BARROS, 2020. p. 295).

Ao testar os aplicativos, uma das primeiras dificuldades que pude observar era o problema com o *delay*, ou o atraso que existia nas chamadas de vídeo. Só com o tempo, entendi que este problema era devido à latência da própria conexão de internet. Eu tocava as músicas do meu lado da tela e os meus alunos e alunas ouviam a música depois de alguns segundos da minha execução, impossibilitando uma certa sincronização que é necessária para que haja a interação adequada entre o que o professor toca e o que o aluno ou aluna canta. Um problema parecido nesse momento de pandemia, em seu trabalho de aquecimento vocal com seu alunado de canto, também foi vivenciado e descrito por Tragtenberg (2020):

> O que costuma acontecer é que a primeira nota do vocalise tocada ao piano, chega com retardo ao aluno do outro lado da tela. Isto gera uma dinâmica diferente para o docente em relação à vivenciada em aula presencial, em função do tempo que se precisa esperar online para que o aluno ouça a primeira nota e inicie o vocalise (TRAGTENBERG, 2020, p. 92).

Momento realmente desafiador e, ao mesmo tempo, excludente, pois o acesso não se apresentava tão fácil para a maioria das pessoas. Assim nos alertava Barros (2020): "Além do mais, os equipamentos para uma boa captação de áudio têm um custo bastante elevado, não

sendo acessíveis para a maioria dos professores" (BARROS, 2020. p. 295). Realmente, durante todo o meu processo de adaptação para oferecer as aulas no modo remoto, foi necessária a aquisição de alguns equipamentos para que minhas atividades pudessem fluir mais adequadamente. A interface de áudio e a *webcam* extra, além daquela existente no *Chromebook*, serviam para que houvesse uma melhor captação e transferência de áudio e uma melhor qualidade de imagem, já que *webcams* avulsas permitem mais mobilidade na hora do posicionamento e conseguem transferir imagens com qualidade muito superior às câmeras nativas dos computadores de mesa. Assim insistia e, ao mesmo tempo, instigava Barros (2020):

> "A impossibilidade de realização de atividades musicais presenciais e a dificuldade de adequação de práticas e instrumentos musicais convencionais ao ambiente on-line fazem com que o professor de música se volte às possibilidades e ferramentas de criação, difusão e performance musicais no meio digital" (BARROS, 2020. p. 295).

E assim continuava o autor a nos apresentar, em meio às impossibilidades presenciais, novas possibilidades online: "O período de pandemia trouxe à tona uma série de plataformas que possibilitam o fazer musical digital, tais como o *Google Chrome Music Lab*[8] e o *HookTheory*" (BARROS, 2020. p. 295). Eu testei estas duas ferramentas, entendi que são funcionais, mas elas não atingiam meu público. Ao que compreendi, me parece que são mais voltadas para a musicalização infantil, para despertar a percepção musical e o fazer composicional de iniciantes no universo da música.

Ainda segundo Barros (2020), os docentes devem procurar compreender a funcionalidade dos protocolos e plataformas adotados e como estes se aproximam de suas ideias e conteúdos musicais, tornando possível a proposição de atividades. (BARROS, 2020. p. 298). Desta forma, durante minhas buscas e experimentos, alguns softwares tiveram mais destaques em se tratando de minhas necessidades e dos meus alunos e alunas. Acabei por fazer o uso das plataformas *Google meet* e *Zoom* como as principais para a realização das videoconferências, sendo a primeira citada a de maior utilidade devido às ferramentas que oferecia quando se tratava de educação à distância. Os recursos oferecidos pelo *Google* são universais e, como meu alunado era, em sua maioria, usuários de *smartphones* com a plataforma Android, este software já vem instalado de fábrica e tem integração total com o sistema.

[8] O Chrome Music Lab (CML) é um sítio web onde podemos aprender música de forma divertida e criativa, explorando as suas relações com a matemática, a arte e outras disciplinas.

Assim, é preciso ter em mente que cenários específicos vão exigir ações e soluções específicas. Para o caso de instituições e alunos com dificuldade no acesso, velocidade e confiabilidade da internet, é viável a apropriação dos aplicativos de mensagem instantânea, como o *WhatsApp* ou *Telegram*. (BARROS, 2020. p. 298). Assim, fiz muito uso desses aplicativos, sobretudo no compartilhamento dos arquivos de áudio e vídeo que meus alunos e alunas utilizavam para os seus estudos individuais. A principal ferramenta utilizada para a transferência dos arquivos era mesmo o mensageiro *WhatsApp*, porém para arquivos muito grandes o melhor software era o aplicativo de mensagens instantâneas *Telegram*, pois este possuía uma melhor capacidade para o envio e gerenciamento de arquivos muito grandes. E assim eu seguia as informações, alertas e contribuições de Barros (2020):

> Boa parte das plataformas de videoconferência - Zoom, Skype, Google Meet - apresentam o recurso de compartilhamento de tela e de áudio. Essa funcionalidade contribui bastante para o trabalho do professor, permitindo a apresentação de vídeos, slides, fonogramas e até oportunizando a execução musical conjunta, apesar da separação física. (BARROS, 2020. p. 299).

Em meu trabalho, testei todas essas plataformas e pesquisei sobre suas ferramentas em vídeos encontrados na plataforma YouTube. Espécies de vídeo aulas de pessoas que eram especialistas ou que entendiam muito bem sobre este tipo de tecnologia e ensinavam outras pessoas que precisavam utilizar estes programas em seus trabalhos como educadores à distância. Para as minhas aulas, em específico, a ferramenta mais adequada foi mesmo o *Google Meet*, pois esta atendia melhor, tanto às minhas necessidades como usuário de Chromebook, que é um tipo de computador de mesa que usa o sistema operacional Chrome OS, desenvolvido pelo próprio Google e que, desta forma, tem maior e melhor interação com os aplicativos produzidos por ela mesma.

Finalizo, então, este capítulo, afirmando mais uma vez a importância desse acompanhamento em meio ao momento de tanta insegurança e incertezas, como foram esses difíceis anos de pandemia. Como reitera Barros (2020): “O momento delicado, vivenciado pelo mundo devido à pandemia da Covid19, traz à tona a necessidade de que o trabalho solitário do professor tenha o suporte de redes colaborativas profissionais” (BARROS, 2020. p. 299). Assim, durante o momento da minha solidão e das minhas buscas na internet afora por suporte teórico e ferramentas que me auxiliassem no meu desenvolvimento como professor de canto, agora de modo totalmente remoto, pude me deparar com algumas boas surpresas que trouxeram algum conforto à minha aflição. Os artigos de Barros, durante o ano de 2020, e Silva durante o

ano de 2021, além de minhas buscas em vídeos do YouTube, iluminaram os meus caminhos durante essa travessia. Barros (2020) quando explicava sobre as redes colaborativas e Silva (2021) ao expor uma lista de aplicativos que auxiliam no estudo e aprendizado de música. Ambos me impulsionaram de forma muito objetiva na busca de ferramentas práticas para o uso no dia a dia, tanto para mim quanto para os meus alunos e alunas. O que muito agradeço.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o ano de 2020, uma doença infectocontagiosa terrivelmente perigosa e, na época, sem antídotos ou vacinas que pudessem ser usados no combate ao vírus causador da Covid-19, levou a óbito milhares de pessoas ao redor do mundo. Tal fato impossibilitou que muitas pessoas pudessem exercer suas atividades do modo como já eram acostumadas, nos levando a um afastamento social momentâneo, até que fosse desenvolvido um medicamento ou vacina eficaz no combate à doença.

A escrita deste trabalho foi algo que passou por vários percalços, muitas mudanças e, por fim, precisei me despedir de outro tema com uma pesquisa razoavelmente encaminhada, mas que já não se fazia viável devido principalmente a não possibilidade dos encontros presenciais, que seriam fundamentais para o processo. Porém, compreendi que, na realidade, não foi algo totalmente perdido, já que as pesquisas realizadas anteriormente me serviram de aprendizado e de enriquecimento para a construção e o desenvolvimento deste último tema.

Na Introdução deste texto trago as considerações e trajetória até este momento, bem como a nova escolha de tema, os objetivos e metodologia seguidos para a nova empreitada. Assim, após todas as dificuldades e impasses vividos nos dois anos de pandemia e reclusão, percebi que vivenciei um processo de pesquisa riquíssimo e que me fez crescer bastante, tanto enquanto professor, quanto aluno e quanto ser humano. Fato este que me fez, a partir também das conversas com a minha orientadora, resolver relatá-lo neste trabalho, pois foram justamente alguns textos compartilhados sobre as novas descobertas vividas durante esse difícil momento, que me ajudaram a ter resiliência e que me apontaram novas ferramentas para seguir com qualidade e competência o meu ofício.

Desta forma, foi com a impossibilidade de manter as aulas em modo presencial, devido a pandemia de covid 19 que assolou o mundo durante o ano de 2020, que eu (e tantos e tantas profissionais) precisei iniciar muitas pesquisas por ferramentas que me ajudassem a transferir a minha vida como professor de canto no modo presencial para o modo remoto e emergencial, precisando buscar novos aparatos que me ajudassem a dar continuidade ao meu trabalho como educador musical.

No Capítulo 1 menciono o meu trabalho como autodidata, ainda antes do ingresso no curso de licenciatura em música. Esta mesma forma de investigação acabou voltando à tona quando me deparei com a necessidade de fazer, novamente, minhas buscas, de forma solitária, por material de apoio para os meus estudos e, também, para minha atuação como docente.

Situação de pandemia que nos obrigou a manter o distanciamento social, levando-me também ao trabalho remoto emergencial de ensino de canto popular totalmente à distância e ao vivo, via aplicações de videoconferência. Assim teve início todo este trabalho de pesquisa.

Este tema final que agora compartilho com o título AULAS DE CANTO NA PANDEMIA: URGÊNCIA E RESILIÊNCIA, consolidou-se com a última orientadora que me ajudou a melhor percebê-lo em importância e a registrar essa pesquisa. Todo o processo vivido por mim relatado a ela, as experiências pelas quais eu passei durante esse período de afastamento social, os processos por mim vividos em busca de dar o melhor para os meus alunos e, também, de não deixar o meu trabalho parar, foi o que enriqueceu o corpo deste trabalho e definiu que eu deveria pesquisar sobre o ensino de canto popular em modo remoto, ao vivo e emergencial. Na realidade, segundo a orientadora, a pesquisa já estava pronta, precisando apenas trazê-la à memória e transcrever todos os passos.

Ainda no primeiro capítulo, relato as minhas buscas em sites acadêmicos e, em paralelo, em vídeos do YouTube, quando pude me deparar com alguns artigos e trabalhos de conclusão realizados durante a pandemia, que me serviram como livros de cabeceira. Estes escritos foram importantes, pois me ofereceram uma direção, através da qual eu pude seguir para desenvolver as atividades musicais de maneira remota.

No Capítulo 2, trago com mais detalhes alguns pontos fundamentais de diálogos com alguns textos. As pesquisas desenvolvidas por Matheus Henrique de Fonseca Barros e Lucila Romano Tragtenberg, ambas em 2020, além de apontarem um caminho possível de ser trafegado por mim, também compartilhavam com o leitor as experiências vividas e descritas durante o problema sanitário mundial e a necessidade do afastamento social. As vivências descritas por esses professor e professora, são muito parecidas com o que eu passei e, acredito eu, que também se igualavam ao que muitos outros profissionais de educação musical estavam vivendo. Desta forma acredito que, assim como eu, muitos outros professores se sentiram abraçados por esses textos, por termos a certeza que, mesmo com a distância, estávamos próximos através dessas pesquisas.

Os relatos traziam soluções para alguns problemas e dificuldades vivenciados pelos(as) pesquisadores(as) e que, de certa forma, eram inerentes a mim. Traziam, também, algumas dicas de *softwares* que poderiam, ou não, ser capazes de oferecer algum tipo de ajuda, levando-se em consideração a vivência dos meus alunos e alunas em relação aos estudos do canto no modo remoto e ao vivo.

Ao longo do tempo, outros trabalhos de pesquisa (igualmente importantes e muito pertinentes ao momento vivido) foram surgindo. Mas quero destacar o fato de que, mesmo separados, não estamos sozinhos. Assim pude sentir através dos vários textos que me acompanharam. Quando Barros (2020) fala sobre as redes colaborativas, vejo a enorme importância que têm esses profissionais, muito capacitados, ao deixar para nós documentos contendo a riqueza de suas vidas como professores e pesquisadores. Escritos que podem contribuir para o enriquecimento intelectual e prático, tanto meu, quanto de outros profissionais.

Assim, este processo de pesquisa vivido por mim, em meio a um momento tão delicado e cheio de perdas e tensões que a humanidade atravessava, me fez entender o quanto eu pude ser forte e resiliente para me adaptar às situações adversas. Para esta escrita, encontrei meu principal apoio em minha orientadora que, com muito carinho e bastante experiência, soube extrair o melhor, mostrando que já existia em mim mesmo o material necessário para dar início à confecção deste trabalho. Aos poucos o processo foi ganhando corpo, ao conversarmos sobre todas as minhas experiências do passado, desde a infância, o meu ingresso no canto coral religioso no início dos anos 2000, até os dias atuais. Desta forma, agregando a minha vivência com as leituras que fiz, eu pude enxergar em tantos outros profissionais da música e especificamente do canto (através dos seus artigos, TCCs, dissertações e teses), o conhecimento que eu precisava para dar continuidade à minha jornada no desenvolvimento do meu trabalho de conclusão de curso. E vejo aqui que esta é apenas uma etapa a ser vivida durante o meu processo de crescimento, pois o conhecimento não pode parar. Finalizo, então, a escrita deste TCC, com entusiasmo para um campo vasto de pesquisa que se abre à frente.

Penso que há uma relevante importância em compartilhar esta experiência vivida e construída em meio a um momento tão conturbado para a sociedade, pois pode, quem sabe, servir de inspiração para que outro(a)s professores(as) de canto popular se sintam encorajado(a)s a, também, expor suas vivências, suas histórias de sucesso ou de falhas em suas buscas por metodologias e ferramentas adequadas de trabalho, entendendo que, dessa forma, estes(as) profissionais, com seus argumentos e dúvidas, podem ajudar a enriquecer ainda mais a ciência do canto, além de contribuírem com as redes colaborativas na disseminação do conhecimento e da ciência.

REFERÊNCIAS

BARROS, Matheus Henrique da Fonseca. Educação musical, tecnologias e pandemia: reflexões e sugestões para o ensino remoto emergencial de música. **Revista Ouvirouver**, Uberlândia, v.16, n.1, p. 292-304, jan./jun. 2020. DOI 10.14393/OUV-v16n1a2020-55878. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/55878. Acesso em 05 out. 2020.

CARVALHO, F. C. Envelhecimento e classificação vocal. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 25, 2015, Vitória. **Anais eletrônicos** [...] Vitória, ES, 2015. Disponível em: https://anppom.org.br/congressos/anais/v25/. Acesso em: 18 nov. 2022.

COUTEIRO, S. B. C. M. **O Ensino do Canto Popular Brasileiro - Abordagem Didática:** técnica vocal e performance, 2012. Dissertação (Mestrado em Música) - Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

KREUTZ, Thiago de Campos. **A música para violão solo de Edino Krieger**: um estudo do idiomatismo técnico-instrumental e processos composicionais. 2014. 205 f. Dissertação (Mestrado em Musica) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

LATORRE, M.C.R.C. **A estética-vocal no canto popular do Brasil:** uma perspectiva histórica da performance de nossos intérpretes e da escuta contemporânea, e suas repercussões pedagógicas. 2002. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, Campus São Paulo, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2002.

NASCIMENTO, C. E. **O Cantor Crossover:** Um estudo sobre a versatilidade vocal e algumas diferenças básicas entre o canto erudito e popular. 2016. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho –UNESP – Programa de Estudos Pós-Graduação em Música, São Paulo, 2016.

SILVA, Janilson do Nascimento. **Ensino Remoto Emergencial**: um olhar para a prática de professores de música da EMUFRN. 2021. Monografia (Licenciatura em Música) - Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

TRAGTENBERG, Lucila Romano. Voz ao vivo em atividade remota: possibilidade e especificidades. **Rebento**, São Paulo, n. 12, p. 85-103, jan. – jun. 2020.